



CONCEITOS DA PSICANÁLISE
Fantasia

viver
mente & cérebro

JULIA SEGAL

CONCEITOS DA PSICANÁLISE

Fantasia

JULIA SEGAL

Editor da série
Ivan Ward

viver
mente&cérebro

tt
Duetto


Relume Dumarã

Ideas in Psychoanalysis – *Phantasy* foi publicado no Reino Unido em 2000 por Icon Books Ltd., The Old Dairy, Brook Rd, Thriplow, Cambridge SG8 7RG
Copyright do texto © 2000 Julia Segal

Conceitos da Psicanálise – *Fantasia* é uma co-edição da Ediouro, Segmento-Duetto Editorial Ltda. com a Relume Dumará Editora.

Ediouro, Segmento-Duetto Editorial Ltda.: Rua Cunha Gago, 412, 3º andar, São Paulo, SP, CEP 05421-001, telefone (11) 3039-5633.

Relume Dumará Editora: Rua Nova Jerusalém, 345, Bonsucesso, Rio de Janeiro, CEP 21042-235, telefone (21) 2564-6869.

Copyright da edição brasileira © 2005 Duetto Editorial

Indicação editorial

Alberto Schprejer (Relume Dumará Editora)

Coordenação editorial da série brasileira

Ana Claudia Ferrari e Ana Luisa Astiz (Duetto Editorial)

Tradução e edição

Carlos Mendes Rosa

Revisão técnica

Paulo Schiller

Revisão

Ellel Silveira Cunha

Capa

Imagem de fundo: foto de *Metrópolis*. Kobal Collection

Diagramação

Ana Maria Onofri

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

K32c Segal, Julia
Fantasia / Julia Segal ; tradução Carlos Mendes Rosa. - Rio de Janeiro : Relume Dumará : Ediouro ; São Paulo : Segmento-Duetto, 2005 (Conceitos da psicanálise ; v.12)

Tradução de: Ideas in psychoanalysis : phantasy
ISBN 85-7316-431-X

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Klein, Melanie, 1882-1960. 3. Fantasia. 4. Psicanálise. I. Título. II. Série.

05-2670.

CDD 616.88385
CDU 616.888.2

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja ela total ou parcial, constitui violação da Lei nº 5.988.

INTRODUÇÃO

Por que fazemos o que fazemos? Algumas pessoas garantem que sabem responder a essa pergunta, que tudo que elas fazem é racional e sensato. Elas nunca se vêem pensando “o que foi que deu em mim?” ou “sei que não devia ter feito isso; por que fiz de novo?” – e “isso” pode ser beber muito, ter escolhido o parceiro errado ou se irritar com a mãe. Gente assim talvez não esteja interessada neste livro. Nem aqueles que preferem esquecer certas coisas por terem medo de mexer com “problemas cabeludos”. Porém, muitos se pegam fazendo coisas surpreendentes que achavam que não queriam fazer. Outros se perguntam como seriam exatamente esses problemas cabeludos. Essas

pessoas também podem ficar surpresas com o comportamento alheio.

O conceito de fantasia é um recurso que propicia um entendimento bastante sutil e complexo do comportamento e dos sentimentos, embora muitas das idéias que ele abrange possam parecer ridículas à primeira vista. Nós só nos convencemos delas quando as vemos ocorrer na prática.

A IDÉIA BÁSICA: DEVANEIOS

O modo como uma pessoa vê a outra depende não só das características reais desta, mas também do que ela leva para o relacionamento. Por exemplo, depois de uma discussão com alguém, a discussão continua na cabeça de cada pessoa. Ambas disseram algo, e a imagem que uma faz da outra se altera. Quando elas se encontram de novo, cumprimentam-se lembrando do que realmente disseram e também da sua interpretação daquelas coisas, além de recordarem a conversa imaginária após a discussão. A predisposição de cada uma não é exatamente

a mesma do momento em que se separaram. Elas precisam descobrir em que pé estão agora.

Do mesmo modo, alguém que saiu da casa da sua família para morar sozinho conversa com a mãe pelo telefone à espera de que demonstre interesse por ele, por suas realizações, por suas preocupações. Percebe, porém, que a mãe está mais interessada nos vizinhos, nos outros filhos ou no que ela própria anda fazendo. Por sua vez, também a mãe espera que um filho demonstre interesse nessas coisas. Esse filho ou filha, como todos nós, tem mais de uma imagem da mãe. Sabe como a mãe é na realidade, mas ao mesmo tempo compôs uma imagem em que a mãe é como gostaria que fosse e espera que venha a ser um dia.

Na nossa cabeça, nós não só falamos com outras pessoas como fazemos coisas para elas e com elas. Podemos imaginar que mandamos um buquê de flores ou um cartão de aniversário e nos surpreendemos quando eles realmente chegam.

Os devaneios de um encontro amistoso com um cantor popular ou com o rapaz que mora na vizinhan-

se misturaram-se aos devaneios de relações sexuais. A outra pessoa talvez saiba ou não desses devaneios. Nós temos condições de saber exatamente o que aconteceu, mas às vezes confundimos a realidade com a imaginação. Será que eu fui mesmo para a praia em tal ano ou é de uma foto que eu me lembro? O pai de um amigo mandou-o embora de casa ou só o ameaçou?

Irmãos podem ter lembranças bem diferentes de um acontecimento e até ficar irritados com a recordação que o outro tem. A elaboração mental de um e de outro foi bem diversa. Eles podem até ter ouvido coisas diferentes, pois tanto a memória quanto a percepção são passíveis de distorção. Quando um sujeito afirma que “você não me avisou que nós íamos sair neste fim de semana”, ele talvez tenha razão; pode ser que a sua namorada tenha dito isso só na fantasia. Ou talvez ele não tenha escutado mesmo o que ela disse.

As fantasias que fazemos constantemente com as lembranças e as experiências afetam a nossa relação com uma pessoa sonhada e também com outras situações da realidade. É constrangedor encontrar uma pessoa que

inspirou fantasias. A raiva de um amigo pode desaparecer com o tempo ou continuar tão intensa quanto antes. Trinta anos depois de um encontro desagradável com um corretor de seguros de vida, uma mulher escreveu ao diretor geral da seguradora dizendo que ela ainda sentia raiva toda vez que chegava a correspondência de mala direta da empresa – seria possível parar de enviá-la? Uma mulher que estava no assento de trás de um carro quando sofreu um acidente não conseguiu viajar no mesmo lugar durante 15 anos. Deram morango com sorvete a uma criança que acabara de operar as amígdalas, e nos 20 anos seguintes ela não conseguiu mais engolir nenhum dos dois.

DEVANEIOS DE EFEITO PROLONGADO

As lembranças e as fantasias duram um tempo indeterminado e continuam ou não a incomodar conforme a sua significação. A mulher que não conseguia viajar no banco traseiro do carro talvez tivesse outros motivos para não querer “o banco de trás” metafórico. A outra mulher havia estado com o corretor de seguros depois

de ter tratado do espólio do seu pai. Sentimentos fortes pelos seus familiares podem ter sido transferidos para essa situação e transformado um caso comum de grosseira em irritação permanente. Morangos e sorvete faziam a criança lembrar da sua infelicidade quando ficou isolada no quarto enquanto o resto da família se divertia.

O conceito de fantasia inconsciente ajuda a entender como essas situações podem acontecer; como atribuímos a uma lembrança elementos emotivos intensos deslocados e, assim, a transformamos em uma coisa diferente: uma relutância em entrar no assento traseiro de um carro; uma raiva com o aparecimento de uma publicidade entre as cartas; uma aversão por determinados alimentos. Esses “sintomas” contêm aflições e não apontam uma solução.

DISFARCES

Os devaneios são conscientes e talvez se possa optar por tê-los ou não. Mas existem fantasias sem que tenhamos consciência delas. Pode-se identificá-las de várias maneiras.

Uma música nos vem à cabeça sem motivo aparente. É possível que, refletindo, saibamos quais são as fantasias por trás dela. Olhando para a chuva, um escritor amigo meu disse que se pegou cantando “Oh, não, oh, não, não deixem a chuva cair”. Ele ficou aturdido, porque sempre achou mais fácil escrever quando está chovendo. Só quando lhe perguntei como a letra prosseguia e ele disse que era “meu telhado tem um buraco e eu posso me afogar”, ele recordou que um sujeito o alertara de que ele tinha de consertar o telhado, o que o preocupava. Pouco depois ele se lembrou de que a sua mãe tinha tido um derrame, que ele visualizara na forma de buracos no cérebro. Eu imaginei se ele não se afogaria em lágrimas caso ela morresse. O “oh, não” também fez sentido. Ao analisar trechos de canções pode-se descobrir angústias que estão quase à flor da pele e se manifestam em imagens concretas. Subjacentes a elas existem outras. A canção servia para afastar as angústias e (num passe de mágica) a morte da mãe, dissimulando-as a ponto de ele conseguir trabalhar.

As imagens concretas são fantasias, entrelaçadas para representar e exprimir angústias e necessidades (as angústias dele com relação à mãe; sua necessidade de trabalhar). Elas usam a vida recente dele (seu encontro recente com o reparador de telhados) e a passada (a própria música; a crença na magia); metáforas (os “buracos” no cérebro da mãe); pensamento mágico inconsciente (“Posso evitar a morte da minha mãe dizendo ‘oh, não’”). As fantasias, nesse sentido, são atos (um pouco de magia) que provocam ações (o refrão que se repete na cabeça dele).

Às vezes se tem consciência de uma vaga irritabilidade em si mesmo ou nos outros. Refletindo um pouco, consegue-se saber com bastante facilidade do que se trata. Porém, é preciso fazer a reflexão, e talvez se tenha bons motivos para não fazê-la. Outra pessoa pode ser capaz de ver com mais clareza do que nós mesmos.

Uma mulher com esclerose múltipla que procurou aconselhamento falou de si e da sua família. Comecei a perceber que ela achava que não viveria muito tempo. Perguntei-lhe sobre isso; ela, muito surpresa, concor-

dou que era verdade. Perguntei por quê, já que, para mim, ela viveria muitos anos. A paciente não sabia. Perguntei se os seus pais ainda eram vivos – perplexa, ela disse que seu pai morrera quando tinha 52 anos; ela tinha 48. De repente a mulher se deu conta de que sempre achara que era como o pai e estava certa de que morreria com a idade dele. Ela percebeu que se preparara inconscientemente para morrer durante muitos anos, o que tinha influenciado o seu comportamento com os filhos e o marido. Pode-se dizer que na fantasia inconsciente ela se identificava com o pai e que a sua morte próxima era um fato.

As fantasias de que não se tem consciência total também podem aparecer de outros modos. Em sua autobiografia, o escritor Martin Amis conta que em 1977 uma ex-amante lhe mostrou uma foto de uma menina e lhe disse que era a filha dele. Ele deu a foto à sua mãe. Um tempo depois ele se encontrou com a filha, e houve alguma divulgação. Amis fala do choque que sentiu, que o fez “pular de susto”, quando Maureen Freely, ao fazer a resenha do seu livro, “no-

tou a aparição precisa, bem na hora do lançamento do meu novo romance *Success* (1978), de uma torrente de filhas perdidas ou errantes e pais supostos ou fugidos e que essas figuras reapareciam, com certas diferenças, a cada livro subsequente”.

Amis prossegue:

*Eu não podia fazer nada com essa análise. Condição com uma coisa que Patrick dissera na nossa primeira conversa por telefone: “Espero que isso esteja no fundo da sua mente”. Sim, precisamente: no fundo da minha mente. A escrita vem do fundo da mente, onde os pensamentos não estão formulados e a angústia não se manifesta. Eu achava que a precisão e a indiscrição da interpretação de Freely tinham um quê de embaraçoso. Mas também, indiscutivelmente, me consolaram, porque mostraram que Delilah estava no meu espírito muito mais do que eu pensava.*¹

A partir do momento em que Amis soube da existência dessa filha, ela lhe vinha várias vezes à cabeça, mas por meio de dissimulações. Ela existia na mente

dele apenas na fantasia inconsciente, inspirando a sua escrita sem que ele percebesse. Acho, no entanto, que ele estava errado quanto à angústia silenciosa no fundo da mente. Não se consegue silenciar as angústias empurrando-as para o fundo da mente na fantasia; é preciso enfrentá-las até o fim. Se não se faz isso, elas tentam se manifestar por meio da canção que nos pega desprevenidos; numa briga que não pretendíamos ter; num bloqueio; num texto que os outros possam interpretar e compreender.

INTERPRETAÇÃO

Não só os romancistas e os psicanalistas interpretam o comportamento. Todos interpretam o comportamento dos outros o tempo inteiro. Às vezes os analisados concordam com a interpretação, às vezes não. (“Você é exatamente igual à sua mãe!” “Você está cansada.” “Desculpe, eu estava de mau humor; eu estava exausta/irritada/com fome.” “Ela é prepotente e agressiva.” “Não, não é. Ela só não percebe que os outros não conseguem fazer as coisas do jeito dela.”)

Com essas interpretações tentamos dar sentido ao comportamento e aos sentimentos nossos e dos outros; a explicação envolve algum tipo de fantasia. A fantasia se constitui de motivações e quase sempre de previsões do futuro.

As doenças incorporam muitas fantasias. (“Ela pegou uma gripe; ela pegou muita friagem; todo mundo está com gripe.” “Ela foi enfeitiçada pela vizinha.” “A mulher do fim da rua pôs olho gordo nela.” “Foi estresse.” “Com tantos filhos, não admira que ela tenha ficado doente.” “Ela rezou a Deus e ele a curou! Louvado seja Deus!” “Se eu sempre fizer exercícios, não vou ficar doente.” “Precisamos ir ao médico/padre/curandeiro para saber o que ela tem.” “Toda vez que o pai viajava, ele pegava uma infecção no pulmão.” “Está tudo na cabeça.” “Seja qual for o meu problema, não é da cabeça; é do corpo.”

Essas interpretações são explicações que podem influenciar o comportamento. Elas refletem a angústia intensa de não saber o que causou o problema e o que acontecerá a seguir. As fantasias servem para

conter as angústias com explicações, freqüentemente embasadas em evidências pobres. Algumas admitem perguntas e respostas; outras não.

A doença e a morte são interrupções da vida normal. Elas abalam uma série de fantasias que dependem da suposição de que amanhã seremos praticamente os mesmos que somos hoje. Nunca pensamos: “Amanhã não estarei gripado”; só supomos que será assim. Presumimos que estaremos vivos no futuro próximo ou podemos ter uma idéia vaga ou clara de quando morreremos – o que muito provavelmente não será “amanhã”.

Essas suposições estão incorporadas nas fantasias normais de cada um, que nos preparam para enfrentar o mundo quando acordamos. Nessas fantasias sabemos, sem pensar, o que o nosso corpo está fazendo, como é a nossa mente, o que eles farão por nós amanhã. Ficamos zangados e irritados quando essas fantasias normais não se cumprem. Quando uma gripe ou outra doença aparece, somos pegos desprevenidos e temos de refazer as fantasias que justificam a vida cotidiana. As fantasias

contêm as presunções normais sobre o mundo. Elas só se tornam conscientes – se é que se tornam – quando não servem mais e temos de arranjar outras.

A BAGAGEM FREUDIANA

Sigmund Freud, quando era neurologista, descobriu as fantasias ao tentar entender sintomas variados. Hoje podemos chamá-los de “sintomas de conversão”: eles convertem uma idéia em fobia ou num sintoma clínico aparente que os médicos não conseguem explicar. Por exemplo, ao examinar uma mulher que dizia não sentir nada num braço, Freud descobriu que a insensibilidade se localizava na área da manga e não no trajeto dos nervos. Ele descobriu também que, por meio da hipnose, conseguia reproduzir a falta de sensibilidade ou movimento. Dessa descoberta veio a noção de que as idéias e os pensamentos eram capazes de controlar o corpo de uma maneira inteiramente inconsciente. Freud descobriu que, ao deixar os pacientes fazerem “associações livres”, conseguia montar um quadro das idéias existentes no fundo da mente deles, as quais

explicavam os sintomas. Como Amis, os pacientes de Freud em geral não gostavam dessas idéias.

Um dos casos era o de um homem que tinha de voltar correndo pela rua para mudar de lugar uma pedra, com medo de que a charrete da sua noiva batesse nela e sofresse um acidente. Por um raciocínio tortuoso, ele depois precisava voltar e colocar a pedra no lugar de antes.² Enquanto Freud ouvia o jovem falar, ficou claro que ele estava aterrorizado com a possibilidade de provocar a morte da noiva, mas ao mesmo tempo queria que ela se ferisse ou até morresse. Essa idéia era muito velada para o próprio rapaz, que não tinha noção de que aquilo afetava o seu comportamento.

De início, Freud achou que se tratasse de lembranças insuportáveis que se transformavam em sintomas. Ele acabou concluindo que a raiz do problema eram as fantasias, recordações que faziam parte de histórias, de acontecimentos que podiam ou não ter ocorrido. Como todos sabem, Freud conheceu moças que tinham fantasias sexuais com seus pais e rapazes que tinham fantasias sexuais com a mãe. Ambos os sexos

também manifestavam a fantasia de matar os pais. Todavia, não se tratava de um pensamento consciente, como “tentei matar meu pai” ou “tive uma relação sexual com meu pai”. Eles refutavam essa idéia, como qualquer pessoa sensata faria.

Eu só me convenci da veracidade dessas idéias depois de várias mães que eu conhecia terem contado que os seus filhos pequenos ficavam irritados ao saber que não podiam se casar com elas nem “ter bebês na barriga” delas. Esses garotos, que hoje são adultos, dizem que não se lembram dessa idéia vexaminosa.

Os sintomas dos pacientes de Freud serviam tanto para exprimir como para rejeitar a idéia (do mesmo modo que a canção do “Oh, não, oh, não” manifestava a idéia da morte da mãe e se esquivava dela). Freud concluiu que precisava de um conceito novo que diferenciasse a fantasia inconsciente (rejeitada pelo pensamento consciente mas exercendo influência “do fundo da mente”, e o paciente não a percebia) da fantasia consciente (como os devaneios). Foi James Strachey, tradutor de Freud para a língua inglesa, que

decidiu denominar a fantasia inconsciente de *phantasy* para diferenciá-la da fantasia consciente (*fantasy*) e esclarecer uma situação complexa.³

A fantasia inconsciente, portanto, foi entendida primeiramente como uma fantasia de um acontecimento – por exemplo, matar o pai ou manter relação sexual com ele – que parecia incomodar certo grupo de pessoas perturbadas e provocar doenças mentais ou aparentemente físicas. Tais fantasias não eram nunca conscientes e, quando se tornavam conscientes, não mais provocavam sintomas.

Em “Estudos sobre a Histeria”, Freud apresenta uma série de casos fascinantes. *Fräulein* Elizabeth von R. procurou Freud por causa de uma dor nas pernas que não tinha explicação neurológica. Ela consentiu que Freud tentasse a tal da “cura pela fala”, mas, depois de ter passado meses dizendo a Freud o que lhe viesse à mente, ela ficou horrorizada ao saber que as dores representavam uma espécie de autoflagelação devido a sentimentos incestuosos por seu cunhado. Quando a idéia se tornou cons-

ciente, as dores físicas desapareceram (e a paciente também), embora durante muito tempo tivessem sido substituídas por pensamentos dolorosos. Freud descreve o caso desta maneira:

A recuperação dessa idéia reprimida teve um efeito devastador na pobre moça. Ela chorou muito quando lhe expus a situação secamente com estas palavras: “Então, há muito tempo a senhorita está apaixonada por seu cunhado”. Nesse momento ela se queixou de dores terríveis e fez uma última tentativa desesperada de refutar a explicação: não era verdade, eu a tinha levado àquilo, não podia ser verdade, ela era incapaz de tal perversidade, ela nunca se perdoaria por isso. Era fácil provar para ela que o que ela mesma me dissera não comportava outra interpretação. Mas se passou muito tempo até que os meus dois consolos – de que não somos responsáveis pelos nossos sentimentos e de que o comportamento dela, o fato de que ela adoecera naquelas circunstâncias, era prova suficiente do seu caráter moral –, muito tempo até que esses meus consolos causassem algum efeito sobre ela.⁴

Freud disse que a mãe da moça sabia dos sentimentos da filha pelo cunhado fazia muito tempo. A humilhação com a revelação de particularidades nossas que achávamos estivessem bem ocultas encontrasse em parte na descoberta de que não enganamos os outros, só a nós mesmos.

SONHOS

Na tentativa de elucidar os pensamentos e as recordações que estão por trás dos sintomas, Freud viu-se diante de pacientes que lhe contavam seus sonhos. Nos sonhos, o “censor” que deixava as idéias afastadas da consciência atuava de modo diferente, e os seus disfarces eram mais fáceis de descobrir.

Freud referiu-se a uma jovem cuja doença começou com um estado de excitação confusional durante o qual ela exibiu uma aversão toda especial pela mãe, batendo nela e tratando-a com grosseria toda vez que ela se aproximava de sua cama, ao passo que, nesse mesmo período, mostrava-se dócil e afetuosa para com uma irmã

*muitos anos mais velha que ela. Seguiu-se um estado em que ela ficou lúcida, mas um tanto apática e sofrendo de um sono muito agitado. Foi durante essa fase que comecei a tratá-la e a analisar seus sonhos. Um número imenso desses sonhos dizia respeito, com maior ou menor grau de disfarce, à morte da mãe: numa ocasião, ela comparecia ao enterro de uma velha; em outra, ela e a irmã estavam sentadas à mesa, vestidas de luto. Não havia nenhuma dúvida quanto ao sentido desses sonhos. À medida que seu estado foi melhorando ainda mais, surgiram fobias históricas. A mais torturante delas era o medo de que algo pudesse ter acontecido à sua mãe. A moça era obrigada a correr para casa, de onde quer que estivesse, para se convencer de que a mãe ainda estava viva.*⁵

Freud entendeu que esse caso demonstrava as maneiras diferentes de expressar a hostilidade para com a mãe da moça, como agressão física ou simbolicamente num sonho, ou de refutá-la mediante a substituição consciente da idéia oposta, como uma negação.

Foi, portanto, na análise de transtornos mentais que Freud descobriu o simbolismo, que, segundo constatou, estava quase sempre ligado a fantasias sexuais perturbadoras. Quando ele examinou as pernas doloridas de Elizabeth von R. beliscando-as, a paciente não reagiu como quem sente dor, mas

*seu rosto assumiu uma expressão peculiar, que era mais de prazer que de dor. Ela gritou – e eu não pude deixar de pensar que fora como se ela tivesse tido uma sensação voluptuosa de cócegas –, suas faces coraram, ela largou a cabeça para trás e fechou os olhos, e o seu corpo curvou-se para trás [...] Sua expressão [...] provavelmente era mais condizente com o tema dos seus pensamentos, que se ocultava por trás da dor.*⁶

As pernas dela passaram a representar algum aspecto da sua sexualidade. Mais tarde Freud descobriu que era essa a região que roçara na perna inchada do pai da moça quando ela cuidava dele, pouco antes da morte. Freud achava que as pessoas simbolizavam apenas

as coisas com que não queriam ter contato, que eram reprimidas, e que esses pensamentos reprimidos afloravam nos sintomas. Como no caso de Elizabeth von R., os sintomas estavam mais que delimitados; muitos pensamentos ou fantasias inconscientes encontravam-se atrás de cada um. Mas Freud depreendeu que a perna sintomática e outros símbolos existiam num mundo de objetos mais neutros que não tinham nenhuma significação psíquica particular.

KLEIN: AS BRINCADEIRAS INFANTIS

Melanie Klein era mãe de crianças pequenas quando leu *A Interpretação dos Sonhos* (1900), de Freud. Ao observar o seu filho brincando, fazendo do corpo dela montanhas para passar com carroças e bonecos; ouvindo-o contar suas fantasias sobre o seu “pipi” e “fazer nenê” com seu “cocô”; dizendo ao papel higiênico com que se limpava que “engolisse” aquilo, ela percebeu que não podia interpretar essa brincadeira e essas histórias como Freud interpretava os sonhos. Em “O Desenvolvimento da Criança”, Klein dá uma

profusão de exemplos das fantasias do seu filho.⁷ Por exemplo, “a barriga figurava como uma casa inteiramente mobiliada, sobretudo o estômago era muito bem equipado e tinha até banheira e saboneteira. Ele dizia de si mesmo: ‘Eu sei que não é bem assim, mas eu vejo desse jeito’”⁸.

Como Freud passara a achar que a repressão do interesse sexual afastava as fantasias da percepção consciente e, portanto, fazia-as aflorar na forma de sintomas, Klein resolveu que tentaria criar o filho sem essa repressão. Decidiu contar a ele de onde vinham os bebês. Essa atitude era revolucionária na época, e não é de admirar que ela não pudesse explicar direito qual a função do pai – aliás, o filho nem perguntou. Isso a levou a uma descoberta importante. Seu filho se interessava pelo que ela dizia, mas depois de certo tempo ele começou a fazer perguntas estereotipadas sobre de que e como eram feitas outras coisas. Por exemplo: “Do que a porta é feita? – Do que a cama é feita? [...] Como é que toda a terra vai parar embaixo da terra? [...] De onde vêm as pedras e a água?” Klein explicou que

Não havia dúvida de que [...] ele sabia perfeitamente a resposta a essas perguntas e que a sua recorrência não tinha fundamento intelectual. Com sua atitude descuidada e distraída ao fazer as perguntas, ele mostrou também que era mesmo indiferente às respostas, apesar do fato de fazê-las com veemência.⁹

Quando constatou que o filho perdia o interesse em tudo, até mesmo nas histórias que ela lhe contava, Klein lembrou-se de que um analista mais experiente afirmara que o menino estava perguntando disfarçadamente sobre a função do pai. Depois de ela ter-lhe dado essa explicação, a criança recuperou todo o interesse pelo mundo, voltou a brincar com liberdade e a contar histórias para a mãe.¹⁰

Melanie Klein passou a analisar os seus filhos (embora depois os tenha advertido contra isso, achando que era intromissão demais), em seguida outras crianças e, mais tarde, adultos. Como Freud, Klein começou a constatar que as fantasias inconscientes podiam ter efeitos intensos na vida cotidiana. O bloqueio temporário do seu filho fora curado quando ela

respondeu a uma pergunta inconsciente, e Klein encontrou outras crianças com sintomas que também reagiram bem à análise das brincadeiras e da fala. Seu filho mostrou indícios de agressividade considerável para com o irmão, a irmã e o pai – por exemplo, numa brincadeira em que ele cortou a cabeça deles¹¹. Mais tarde, porém, ficou angustiado com brincadeiras desse tipo. Klein percebeu que não eram apenas as atitudes negativas de adultos com relação ao sexo que levavam as crianças a inibir o seu interesse ou mudar de brincadeira, mas sim os seus conflitos internos, especialmente causados pelas fantasias de ferir ou destruir aqueles que eles amavam.

Uma criança chamada “Fritz”, mencionada em “O Papel da Escola no Desenvolvimento Libidinal da Criança”, tinha muitas dificuldades na escola, inclusive um bloqueio nas contas de divisão. Klein diz que “Fritz”

me contou que, ao fazer uma divisão, ele precisava, antes de mais nada, baixar o número exigido, e ele subia, agarrava-o pelo braço e o puxava para baixo. À minha per-

gunta de qual era a relação disso, ele respondeu que, com quase toda a certeza, não era agradável para o número – era como se a mãe dele subisse numa pedra de 12 metros de altura e alguém a pegasse pelo braço para rasgá-la e dividi-la [...] Ele então contou [...] que na verdade toda criança quer ter um pedaço da mãe, que deve ser cortada em quatro pedaços; ele descreveu com grande precisão que a mãe gritava e tinha um papel enfiado na boca para não poder gritar, e que caras ela fazia etc. Uma criança pegou uma faca bem afiada, e ele contou como ela foi cortada: primeiro de um lado ao outro do peito, depois da barriga, depois longitudinalmente, de modo que o “pipi” [parece que na imaginação dele as mães também tinham pênis], o rosto e a cabeça fossem cortados exatamente na metade, motivo pelo qual o “juízo” era tirado da cabeça dela. A cabeça era então cortada obliquamente, assim como o “pipi” era cortado na largura. No meio-tempo, ele mordia constantemente a mão e disse que mordia a irmã também por diversão, mas sem dúvida por amor. Ele prosseguiu dizendo que todas as crianças pegavam então o pedaço da mãe que queriam, e concordou que a mãe

cortada também era comida. Veio-se a saber então que ele sempre confundia o resto com o quociente na divisão e sempre o escrevia no local errado, porque em sua mente eram pedaços sangrentos de carne com os quais ele lidava inconscientemente. Essas interpretações eliminaram inteiramente o seu bloqueio na divisão.¹²

Numa nota, Klein acrescenta: “No dia seguinte na escola, para surpresa dele e da professora, ele conseguia fazer todos os cálculos corretamente. (A criança não percebeu a correlação entre a interpretação e o desaparecimento do bloqueio.)”

Klein tinha descoberto que as crianças criam fantasias assustadoras baseadas em interpretações erradas do mundo, alimentadas por suas angústias. A revelação dessas fantasias poderia reduzir o medo e deixar as crianças livres para usar a cabeça plenamente e com criatividade. Klein fala do seu filho:

Em primeiro lugar, antes de começar a falar das coisas, ele pergunta com grande alegria se o que ele acha “horren-

*do” será, depois da minha explicação para ele, agradável como todas as outras coisas até então. Ele também diz que não tem mais medo das coisas que lhe foram explicadas, mesmo quando pensa nelas.*¹³

As novas descobertas de Klein deixaram as de Freud de pernas para o ar. Ela entendia que nós atribuímos ao mundo um sentido que deriva das fantasias inconscientes e das angústias inerentes a elas. São as angústias, os impulsos conflitantes e as fantasias decorrentes que nos fazem ver o que vemos e nos comportar de determinado modo. Desse ponto de vista, nada é imparcial. Na fantasia, tudo acontece em nossa cabeça, em nosso corpo, em nosso “mundo interior”. Nem sempre sabemos que “não é bem assim”; nós realmente “vemos assim”.

As dores nas pernas de Elizabeth eram reais para ela e de fato encobriram por algum tempo os seus pensamentos “imorais”. A fantasia de “Fritz” com as contas de divisão era tão plausível que o impedia de fazê-las. As pessoas que acreditam em bruxaria têm

mesmo medo dela. E é provável que as atrocidades de guerra verdadeiras, que espelham de modo espantoso algumas das fantasias infantis descritas por Klein, sejam provocadas por gente que realiza fantasias de criança em que as pessoas são mais monstros terríveis do que seres humanos.

FANTASIAS COMO FORMA DE PERCEPÇÃO

Agora podemos analisar as fantasias inconscientes de um ponto de vista diferente. Klein descobriu que as fantasias constituem recursos essenciais que utilizamos para dar sentido às percepções. Elas criam as pressuposições básicas com que vivemos e interferem não só num comportamento alterado como também no comportamento normal, corriqueiro. Todas as sensações, provenientes do interior das pessoas ou de fora delas, são interpretadas de acordo com as fantasias. As fantasias também determinam a percepção. Se quisermos confirmar que somos bons ou maus, vamos encontrar pessoas e situações que comprovam que somos bons ou maus.

O trabalho é resultado tanto de fantasias inconscientes de melhorar o mundo quanto de outras mais conscientes, como precisar de dinheiro. (“O mundo”, como as montanhas da brincadeira do filho de Klein, geralmente equivale à noção de uma fantasia precoce com a mãe – junto com o pai ou sem ele –, que em certo momento constituía o nosso mundo.)

Até mesmo as motivações conscientes têm origem inconsciente. Se levarmos a sério o que as pessoas dizem quando perdem o emprego, parece que “o dinheiro” representa todo o valor que elas têm para si mesmas e para os outros, assim como a sua vida, potência, capacidade de cuidar dos entes queridos ou até uma prova de que elas não são o que o seu pai, por exemplo, sempre disse serem. Na fantasia, “o dinheiro” pode ter todos esses significados, e a segurança e o alento que ele dá toda semana ou todo mês podem ser enormes.

Do mesmo modo, a iniciativa comum de procurar um namorado ou uma namorada é sem dúvida determinada por fantasias inconscientes com o que

ele ou ela podem fazer por você e o que você pode fazer por eles. Nem todas são realistas. Os detalhes do nome, da idade, das características físicas, emocionais e mentais de um parceiro são provavelmente parecidos com os dos familiares. As fantasias decorrentes de uma situação familiar da infância formam os fundamentos para mais tarde conhecer, aceitar, compreender ou rejeitar as pessoas.

A aversão de “Fritz” pelas divisões difíceis talvez possa mostrar uma “perturbação”, mas uma perturbação comum. As fantasias dele transformavam os cálculos num terror. Quando a mãe não estava presente, a raiva do menino por ela (por tê-lo deixado) criava fantasias de que a mãe era uma bruxa que o envenenaria. Essas fantasias não diziam respeito à mãe que ele amava e queria de volta. As crianças costumam se comportar mal quando os pais estão longe por algum motivo, e não é descabido concluir que por trás disso existam fantasias de raiva.

As fantasias motivam e predispõem a brincadeira normal. As descargas hormonais e as frustrações ex-

ternas criam raiva, que é então percebida por meio das fantasias, que por sua vez determinam a expressão da raiva. Os jogos com bola e de computador permitem uma expressão segura de fantasias violentas, bem distantes de qualquer idéia de querer matar de verdade uma pessoa. (Porém, se você perguntar o nome dos combatentes de um jogo de computador, vai ter uma pista da fantasia implícita.) Quando se brinca com esses jogos, as fantasias existentes são modificadas para que, da próxima vez que a raiva surgir, as reações sejam entendidas e controladas. A brincadeira das meninas costuma revelar fortes sentimentos e fantasias de “estar dentro” e “estar fora”, por exemplo, criando e rompendo círculos de amizade, cordas ou colares.

As crianças também entendem o comportamento dos pais usando a sua própria experiência, temperada por suas angústias e necessidades. Um garoto de 12 anos disse que estava muito zangado com o pai porque ele não ajudava em casa; era preguiçoso porque não fazia o que lhe cabia. Por que ele mesmo deveria ajudar se o pai não ajudava? O menino sabia que o

pai estava doente, mas não fazia idéia do que fosse fadiga neurológica. Na sua fantasia, o pai tinha tanta motivação quanto ele. Não acho que fosse só o egoísmo que estimulava esse garoto, mas sim uma angústia muito mais profunda com a doença do seu pai. Suponho que ele não queria considerar o pai incapaz de fazer as coisas, doente, fraco e vulnerável; era muito melhor vê-lo forte e resistente às exigências da mãe, como o próprio garoto gostaria de ser.

As expectativas fundamentais com relação ao mundo como um todo provêm das primeiras fantasias que a criança cria das suas interpretações do seu mundo. Por exemplo, quando criança, Sue concluiu que as mulheres sempre davam ordens aos homens, porque era assim na sua família. Foi um grande choque quando ela entrou na faculdade e viu que as enfermeiras tinham de obedecer aos médicos. Em outro caso, o pai de Frances abandonou o lar quando ela tinha 2 anos e meio. Vários dos seus namoros, desde os 20 anos até pouco depois dos 30, duraram dois anos e meio quase exatos. Frances não achava que

houvesse ligação alguma e ficou aborrecida quando eu disse que havia.

As fantasias que usamos para entender os filhos também se baseiam nas nossas fantasias sobre nós e os nossos pais. Podemos achá-los burros e ignorantes do mesmo modo que temíamos ser, ou achá-los capazes de realizar os sonhos mais loucos que tivemos. Podemos amá-los como amamos os nossos pais. Podemos temer que eles queiram nos castigar como queríamos castigar os nossos pais.

Os pais parecem ter fantasias de que os filhos os cansam e exigem demais deles, e não só quando estão doentes. Uma mulher disse ao neto que ele ia matar a mãe de tanto mamar: "Você vai deixá-la seca!" E, claro, a história de Édipo é assustadora do ponto de vista dos adultos que participam dela.

FANTASIAS PRIMITIVAS

Entendemos que as fantasias mais primitivas já existam no parto. Os bebês nascem com a capacidade de reconhecer certos objetos e reagir de certas manei-

ras. Procuram o seio e o mamilo pelo olfato, pelo tato, pelo reconhecimento da voz da mãe e por reação a uma mancha escura num círculo mais claro. Quando acham o mamilo, eles sabem o que fazer, ainda que possam ocorrer tentativas frustradas. A fantasia com um mamilo na boca busca no mundo externo algo condizente com ela. A experiência de ser alimentado modifica então essa fantasia, de modo que logo ela tem de conter o mamilo familiar da mãe, com a voz, o cheiro e a sensação tátil corretas.

A modificação das fantasias continua ao longo da vida, a ponto de as situações de alimentação posteriores serem pouco parecidas com as primeiras; as sensações posteriores de amar e ser amado talvez não se pareçam muito com o caso amoroso do bebê com o seio da mãe ou a adoração silenciosa do bebê com mais idade por seu irmão ou irmã maior. No entanto, existe um fio condutor de um ao outro que às vezes se consegue identificar. O bebê que sempre agarrava o mamilo com entusiasmo, quase mordendo-o, pode ser reconhecido no adulto que enfrenta novas situações com

vigor, abocanhando-as do mesmo modo. Um adulto que sempre se refreia com desconfiança, que não confia muito no mundo, talvez tenha enfrentado suas primeiras alimentações de maneira bem parecida. As pressuposições sobre o mundo podem originar fantasias que se mantêm vivas por muitos anos, independentemente da vivência real.

Outro fio interliga todas as experiências boas. Uma boa relação sexual tem algo em comum com uma boa refeição, mesmo na vida adulta; e também com uma boa conversa, um espetáculo de jazz ou de rock, ou ainda um bom livro. As fantasias inerentes derivam das mesmas fantasias fundamentais; as distorções posteriores não eliminam inteiramente a conexão.

O bebê que mama bem no seio tem uma sensação de prazer por todo o corpo; sua pele fica corada, a boca, cheia; ele se encontra em êxtase por um momento infinito; nada deve interrompê-lo. Essa experiência tem um começo (quando o bebê precisa sugar forte para o leite sair); tem um meio (quando a sucção é longa, lenta e ritmada); e tem um fim (quando o

bebê larga o seio inebriado de prazer). Aliás, não se obtém esse prazer facilmente; ele só ocorre (quando ocorre) depois de a mãe e o bebê terem aprendido como fazê-lo. Dor, dificuldade, desconforto e falta de prática quase sempre existem nas primeiras mamadas, assim como nas primeiras relações sexuais. Os paralelos são claros (pelo menos para mim) e se estendem para outras situações. O ritmo e o encadeamento de uma conversa, por exemplo, também espelham uma relação sexual boa ou ruim. Ela pode ser enfadonha, despropositada ou instigante. Pode chegar a um clímax e deixar uma sensação de satisfação, originando pensamentos criativos; ou pode ser vazia, brutal e curta, deixando um gosto amargo na boca. A estrutura de uma fantasia usada para criar uma conversa, uma composição musical, uma refeição ou uma história pode ter origem em antigas fantasias prazerosas, que foram esquecidas há muito tempo mas deixaram traços perceptíveis. As fantasias são mais antigas que o pensamento; dão forma à representação mental das situações que vivemos e das nossas necessidades; de-

finem as suposições que usamos para compreender o mundo e dar-lhe sentido *sem ter de pensar a respeito*. Um bebê pequeno não *pensa*, por exemplo, que “a dor dentro de mim é fome”; ele simplesmente começa a procurar alimento.

FANTASIAS DE FOME

O exemplo da fome é útil. Os adultos nem sempre saem em busca de comida quando estão com fome; talvez decidam esperar um pouco. O bebê pode apenas aparentar que está procurando alimento. Na fantasia, ele talvez esteja procurando qualquer coisa para preencher uma lacuna da fantasia, para aplacar ou castigar a fantasia mordendo monstros em seu interior ou se agüentar até que as mordidas parem. Os adultos podem sair à procura de alimento quando na verdade sentem uma dor de perda, infelicidade ou raiva. As fantasias com comida são quase sempre irreais ou ligadas a experiências que não apenas de fome alimentar.

É possível que uma irmã mais nova escolha o que comer por ver o que a irmã ou o irmão mais velho

comem, e não por uma vontade sua. Na fantasia, ela talvez seja eles, com o apetite deles e não com o seu. Outra pessoa pode, na fantasia, usar a comida para empanturrar uma porção do eu infantil, dependente, infeliz, fraca e solitária, evitando que ela incomode.

A fome pode lembrar a fantasia de uma mãe gorda e impositiva que empurra comida para a filha, dizendo “vamos lá, filhinha, você precisa comer”, provocando repulsa de imediato. Ou a dor de fome pode ser interpretada como culpa, de modo que a procura de comida se torna mais complicada por causa da necessidade de se limpar antes ou de escolher alimentos “proibidos”. A fome pode trazer a lembrança de um pai que era fumante e morreu, e assim um cigarro provoca a fantasia reconfortante de inalar o pai na fumaça, abafando ao mesmo tempo a raiva de ele ter morrido inesperadamente e deixando o corpo magro como ele gostava. Por outro lado, havia uma mulher que insistia em comer uma grande quantidade de manteiga porque para ela denotava que a guerra tinha terminado: durante a guerra, ela sempre deu a

sua ração de manteiga à mãe e decidiu nunca mais abrir mão da manteiga. E existem outros casos mais. As fantasias com comida, bebida e fumo são bastante complexas. (Susie Orbach conta algumas relacionadas com alimentação no seu livro *Gordura É uma Questão Feminista*¹⁴.)

Muitas fantasias distorcem a realidade, fazendo-nos acreditar, por exemplo, que não estamos com fome quando estamos ou que estamos felizes quando não estamos. Elas distorcem a imagem que temos de nós e os nossos sentimentos. (“Não sou ciumenta.” “Tudo que eu faço é ruim.” “Nasci com o sexo errado.”) E também distorcem a imagem que temos dos filhos. (“Ele nem sentiu a falta do pai.”) (“Ela era uma menina muito boazinha.”)

A IMPORTÂNCIA DA VERDADE

Faz grande diferença as fantasias estarem muito próximas da realidade ou bem distantes dela. Quanto mais próximas da realidade, menor a probabilidade de nos vermos em situações que não condizem com

elas. Todavia, do mesmo modo que podem existir fortes razões emocionais para se agarrar a uma concepção irreal do mundo, há diversos “pretextos” a que podemos recorrer para “explicar” as discrepâncias da nossa concepção em relação à dos outros. (“Eles são uns cretinos.” “Eles são infiéis e vão para o inferno.” “Eles não me conhecem. Se conhecessem, saberiam que eu sou muito bom/mau.”)

Certas fantasias representam ilusões sobre o mundo que outras pessoas também têm, e quando concordamos com elas ficamos mais ou menos à vontade na vida social. Por exemplo, num mundo com extremos de pobreza e riqueza, a pessoa pode tentar justificar a sua posição social em comparação com a de outras menos privilegiadas para não sentir um sentimento de culpa constante. Entretanto, se isso significar na fantasia “fechar os olhos” ao que sabemos ser injustiça, adquirimos uma cegueira que pode ter outras conseqüências.

Klein acreditava que a ligação com a verdade era de importância vital. Ela descobriu que até a realidade incômoda era preferível em longo prazo a tentar

viver num mundo fantástico ilusório. As fantasias que usamos para nos confundir, para fingir que o mundo está mais próximo do que desejamos, são nocivas de um modo ou de outro. Elas não só prejudicam a capacidade de ver, sentir e pensar de fato, mas também ameaçam as relações com as outras pessoas e com nós mesmos. As tentativas de esconder uma idéia dolorosa de si próprio não se restringem a isso: atraem outros pensamentos que podem fazer lembrar aquela idéia, os quais precisarão também ser “esquecidos”. Depois de um tempo, o indivíduo talvez não consiga ter interesse por nada com medo de que algo retome a idéia dolorosa.

Muita gente discorda de Klein nesse ponto, afirmando que a ilusão pode ser melhor do que a realidade em vários aspectos. Aqueles que assistem a novelas ou vão à igreja são aparentemente mais felizes do que os que não fazem o mesmo. Acho que o mundo da fantasia consciente e inconsciente que os programas de TV e a religião proporcionam tem muito que os recomende. Acho também que eles se sentem impo-

tes em momentos de grande necessidade, como na doença. As personagens de *Neighbours** não fazem caridade quando se necessita, ao passo que os vizinhos de verdade são mais propensos a criar confusão, mas dão comida de verdade. Como consultora de pessoas com esclerose múltipla, percebi que muitas crenças religiosas não conseguem consolar quando se tem uma doença que não regride.

Minha experiência me convenceu de que Klein estava certa, mas é imprescindível lembrarmos que ela achou muito difícil reconhecer a verdade. Sei que a verdade pode ser dolorosa e constrangedora, e talvez não caiba a mim revelá-la, mesmo estando convencida de que a reconheço. É preciso, por exemplo, ter paciência, tempo e compreensão para transmitir uma informação dolorosa; não se pode simplesmente “desembuchar e cair fora”. Eu precisaria ter certeza de que poderia sugerir um bom substituto para os muitos prazeres das novelas e da religião antes de ten-

* *Neighbours* (Vizinhos) é um seriado australiano que está no ar há 18 anos e é exibido em 57 países. (N. do T.)

tar desmerecê-los num adulto. Para os meus filhos eu ofereço uma diversidade maior de explicações e prazeres na vida.

Voltando às fantasias com comida, é evidente que algumas fantasias irreais podem levar a uma alimentação saudável e normal, mas outras não. Da mesma maneira, as fantasias irreais sobre o fim do mundo podem resultar em políticas sociais que ajudam a proteger o meio ambiente, e as fantasias de Colombo a respeito da existência de uma passagem para as Índias e da glória de Deus resultaram numa viagem para as Índias Ocidentais. Outras fantasias com Deus, no entanto, provocam guerras santas, morte e destruição.

AS FANTASIAS NA PRÁTICA

Agora vou abordar rapidamente algumas das fantasias significativas que usamos.

Fantasias do objeto bom

Algumas das fantasias mais importantes dizem respeito ao que Melanie Klein chamou de objeto bom.

Ela se referia às fantasias com uma figura interna boa, carinhosa, tranquilizadora e protetora, pronta para consolar e para uma comunicação reconfortante. A mãe dentro da sua mente, que o ama, o compreende e quer o melhor para você, é um objeto bom, assim como uma figura paterna boa. Os analistas usam o termo “objeto” nesse sentido para designar “não o sujeito”, isto é, “não eu”; alguém ou alguma coisa que é, de certo modo, maior ou mais forte, que proporciona algo que o eu não consegue proporcionar para si. À medida que a criança cresce, as fantasias com o objeto bom mudam e também evoluem.

Nem todos têm a noção de um objeto bom estável, confiável. A independência prematura que cria um “falso eu”, por exemplo, pode originar uma fantasia de um objeto bom arriscado e não confiável que precisa da atenção de um eu imaturo.

Fantasias de fusão

Entre as fantasias mais precoces parecem existir uma consciência de alguém ou de algo que “não é eu”

e um desejo de se unir a essa figura. A primeira procura do mamilo é uma busca de algo, mas seria algo fora do eu ou algo necessário para completar o eu?

A história de Platão em que os homens e as mulheres eram originalmente metade do sexo masculino e metade do feminino, divididos e sempre à procura da “outra metade” ou da “metade melhor”, implica uma fantasia com o objeto bom que mistura o eu e o outro. Não é de admirar que o limite entre o eu do bebê e a mãe não seja muito nítido, mas também os adultos podem ter dificuldade de saber onde eles começam e onde o seu companheiro ou mãe ou pai termina. Os casais muito apegados às vezes “sabem” o que o outro está pensando ou sentindo sem dizer nada; *falar por* uma criança ou um companheiro denota uma fantasia de ser o outro, com que o outro pode ou não concordar. Os relacionamentos amorosos e sexuais costumam ter fantasias de se fundir, de os dois se tornarem um, unidos contra o mundo, constituindo uma ligação indissolúvel. Existe, contudo, uma diferença entre fundir-se em um só e ligar-se como dois seres separados.

A fusão com o objeto amado impõe dificuldades. As partes do eu que são diferentes do outro podem se sentir presas, sufocadas. Essas fantasias têm efeito no mundo exterior, e a pessoa amada também pode se sentir excessivamente dominada. As fantasias de fusão com o outro existem em bebês, na mãe deles e em alguns relacionamentos de adultos. Quando esses relacionamentos causam a fantasia de sufocação, corre-se o risco de sofrer ataques de asma. Por outro lado, o reconhecimento de que o objeto bom, amado, é separado não só faz que cada um possa respirar, mas também permite uma troca livre de amor e consideração. Alguns casais que pensam em se divorciar precisam, na verdade, separar-se mentalmente; a separação na realidade pode não ser necessária.

Por exemplo, uma mulher me disse que não conseguia mais viver com o marido. Ele vigiava tudo que ela fazia; não a deixava nem comprar um par de tênis sem a sua permissão. Perguntei a ela como era isso – será que ela não tinha o dinheiro dela? Tinha o seu dinheiro, mas achava que o marido desaprovava. E

como ela sabia disso? Ele lhe disse? Não, na verdade ele nunca disse nada; ela simplesmente sabia como ele se sentia. Aos poucos ficou claro que o marido estava sempre tão presente na cabeça da mulher que ela nunca sentia necessidade de lhe perguntar o que ele realmente achava de qualquer coisa. Ela simplesmente *sabia*. Quando ressaltai isso com cautela, ela ficou bastante surpresa.

Tive curiosidade de saber se ela perguntaria ou não se podia comprar os tênis. Da vez seguinte que a vi, ela se mostrou maravilhada ao dizer que tudo se tinha resolvido; o marido não fizera nenhuma objeção à compra dos tênis. Ele se incomodava menos do que ela com a maneira como ela gastava o dinheiro. Ela não fazia a mínima idéia do que o marido realmente achava. Pareceu que quem achava que não devia comprar tênis era ela mesma, mas, com o estímulo do marido, ela pôde escolher os tênis de que ela gostava de fato, pela primeira vez na vida.

A mulher, afinal, não queria se separar do marido. A fantasia de tê-lo dentro dela, vigiando-a e identifica-

do com uma parte sua restritiva, transformou-se em outra em que ela conseguia vê-lo de outro modo, fora dela, querendo se comunicar por meio de palavras. Ao se desvincular do marido na sua mente, a mulher se permitiu começar a conviver com um marido real, diferente dela, que lhe dava coisas que ela não podia dar a si mesma – inclusive a permissão para se divertir. Os dois agora tinham condições de viver e amar o outro sem estar, na fantasia dela, inteiramente misturados.

O pai desempenha um papel importante ajudando os bebês e as crianças a se separar da mãe. A mãe precisa primeiramente identificar-se com o filho a fim de entender o que ele necessita, mas essa identificação pode tornar-se assustadora tanto para ela quanto para o bebê. Na fantasia e também na realidade, o pai interfere na relação entre a mãe e o filho, evitando que eles se sufoquem, permitindo à mãe recuperar a noção de si como adulto e ao bebê relacionar-se com uma pessoa de uma maneira diferente. Tal qual o bebê quer fundir-se à mãe, na fantasia dele os seus pais às vezes podem fundir-se e, quando isso provoca dor, separar-

se de novo. Os adultos costumam ficar confusos com as diferenças entre os seus pais, como se eles nunca os tivessem separado corretamente. Os esquizofrênicos às vezes têm medo de se fundir no sentido concreto. Eles temem ficar inteiramente emaranhados à outra pessoa, por exemplo, caindo dentro dela literalmente.

A entrega de partes de si

Quando amamos uma pessoa, queremos dar coisas a ela: alimento, amor, livros, filmes. Na fantasia (e nas canções de amor) nós nos damos àqueles que amamos. Também lhes damos partes nossas, não só o coração. Queremos unir um corpo ao outro, mesmo que temporariamente, no ato sexual. Talvez queiramos dar bebês aos amados ou ter bebês deles ou criar algo juntos, como músicas e obras de arte. Na fantasia, somos até capazes de dar a eles as nossas aptidões também. Por exemplo, eles podem ser mais otimistas e generosos do que nós, e talvez tenhamos a felicidade de deixá-los ser otimistas e generosos conosco também.

Depois de um tempo, porém, pode parecer que eles nunca vêem o lado mais pessimista das coisas; nunca se preocupam com dinheiro, deixando-nos sós com o medo de um futuro conjunto. Ou talvez consigam ganhar mais dinheiro, e nós fiquemos contentes de largar o trabalho e conceder que eles assumam a responsabilidade pelo sustento. Mais uma vez, depois de certo tempo esse acerto pode não parecer satisfatório, sobretudo se ganhar dinheiro implicar uma estima social maior ou a concessão de nunca mais cozinhar nada nem lavar um prato sequer.

Do mesmo modo, os amados podem dar partes deles para nós: a parte mais responsável com o dinheiro, ou a parte da atenção com os filhos, ou a de guiar o carro, ou a de preencher formulários ou de tratar com as autoridades. Na fantasia, somos capazes de nos dividir em muitas partes e distribuí-las, como “Fritz” fazia com a sua mãe toda vez que se via diante de uma conta de divisão.

Às vezes, na fantasia, damos um pedaço de nós por amor, por precaução ou na esperança de aumentar a

felicidade de todos. Às vezes essas fantasias são, porém, mais cruéis e desesperadas. Damos partes nossas aos outros para dominá-los ou feri-los ou salvar a nossa vida à custa da deles. As mulheres ambiciosas são em certas ocasiões acusadas de abrir mão da própria ambição por um marido, de procurá-lo para realizá-las e depois reclamar que ele não cumpre a função tão bem.

Casar-se com alguém que gosta de se sentir melhor do que qualquer outra pessoa pode fazer a mulher (ou o homem) livrar-se sem risco do seu sentimento de superioridade por algum tempo. Mas pode acabar levando a um tratamento desrespeitoso do marido (ou da mulher). Igualmente, ao sobrecarregar o amado com sentimentos de inferioridade, maldade, inutilidade ou impotência, o ego sente-se superior. Na fantasia, talvez ocorra o medo de se ter esperado que o outro assumisse muita coisa, de estar tomado da nossa raiva, desprezo ou ódio. O medo de perder um objeto bom às vezes decorre dessas fantasias.

Se esses relacionamentos foram primordialmente afetuosos, conclui-se que o objeto bom sobreviverá,

o medo de perdê-lo diminui e se percebe que ele é forte e resistente. O objeto bom ajuda a pessoa a se recompor, para que não perca inteiramente o contato com as suas aptidões, incentivando-a a desenvolver aspectos seus que ela desconhecia e ajudando-a a superar os reveses da vida. Numa situação de felicidade razoável é isso o que os pais, um casal unido, fizeram nas primeiras fantasias dos filhos e o que um companheiro, um pai ou uma mãe, um amigo íntimo ou uma criança podem fazer mais tarde na vida. O pior momento talvez seja o do medo de perder esse objeto bom, representado por qualquer uma dessas pessoas. Como o objeto bom tem muito de nós, pode parecer que estamos desmoronando e perdendo as estribeiras ao mesmo tempo.

O objeto, os pais, os amantes e os bebês maus; o eu mau

A formação do objeto mau ocorre concomitantemente com fantasias de um objeto mau ameaçador. De início, quando a mãe boa não está presente, o bebê

pode simplesmente sentir a presença de uma mãe má. Quando os pais estão em outro cômodo dando risadas, a criança, deitada na cama, talvez sinta medo de que haja uma bruxa ou um ladrão embaixo da cama, uma aranha ou um temível pernilongo na parede, até que um dos pais (verdadeiro) chegue para afugentá-los. Com o tempo, o bebê talvez se conscientize de que está zangado com os pais, por não estarem junto dele, e talvez não precise criar monstros assustadores por causa de uma raiva oculta. Isso se torna mais fácil quando a criança consegue ter uma vida própria que inclua os pais. Pode-se atribuir a pessoas de fora da família aspectos bons ou maus dos pais.

Os objetos maus também se originam de uma tentativa de idealizar um objeto bom. Os aspectos desagradáveis podem ser separados na fantasia e atribuídos a outra pessoa. Um adulto jovem pode responsabilizar um dos pais por todos os seus problemas e considerar o outro uma vítima indefesa. A vítima é em princípio amada e o opressor, odiado, mas em verdade, na fantasia, o genitor supostamente amado

é diminuído e rebaixado e, na realidade, tratado com condescendência. (Ser vítima é sinônimo de fraqueza; a trama contra o outro genitor ou a sua manipulação pela vítima podem ser ignoradas.)

A idealização costuma ser uma defesa contra fantasias de perseguição: os aspectos persecutórios, maus e irados do suposto genitor bom são atribuídos ao suposto genitor mau, que, por conseguinte, pode ser odiado impunemente. “Minha mãe teria dado mais atenção a mim se o meu pai permitisse” é uma frase que insinua que a mãe depende totalmente do pai. “Meu pai era bom, gentil, amável, mas a minha mãe o levou a se embriagar.” “Minha mãe era um anjo; meu pai, um demônio.”

Os relacionamentos raramente são tão simples assim – o anjo pode se revelar um demônio disfarçado. Os “problemas cabeludos” que as pessoas temem encontrar se remexerem as lembranças da infância acabam sendo a conclusão chocante de que um genitor angelical não era tão angelical, e o genitor diabólico talvez fosse difamado de modo pernicioso e condenável.

Quando a criança se torna um adulto, as namoradas e os namorados às vezes ocupam o lugar dos pais como pessoas de referência, ajudando-o a criar definições próprias da realidade, que talvez sejam diferentes das dos pais. Os adultos jovens podem procurar nos amados objetos bons e também maus. Os maus proporcionam a contenção de aspectos ruins insuportáveis do eu e, por isso, confortam. No fim eles talvez se tornem uma grande ameaça ao eu, mas, caso esse eu seja considerado mau na fantasia, a ameaça pode ser recebida como um castigo merecido. Amantes perigosos ou intimidadores podem igualmente ser vistos como punição dos pais no interior da pessoa. Os pais reais, claro, também sofrem quando o filho ou a filha se encontra num relacionamento ruim.

Em boas circunstâncias, as fantasias com pais perfeitos, destruídas quando eles não conseguem estar à altura da perfeição, são substituídas por fantasias mais triviais que sobrevivam ao desapontamento. Aos poucos, a criança deixa de querer matar a mãe malvada sempre ausente, mas conse-

gue agarrar-se à fantasia de uma mãe amorosa que sobrevive às ausências.

AS FUNÇÕES DA FANTASIA: LIDANDO COM OS CONFLITOS

Existem muitas maneiras de lidar com os conflitos na fantasia. Pode ocorrer um conflito interno: faço isto ou aquilo? O conflito também pode ser externalizado. Duas pessoas com o mesmo conflito interno talvez discutam entre si em vez de fazê-lo na própria cabeça. Uma diz que consegue fazer algo; a outra diz o contrário. O conflito interno foi repartido entre elas e pode ser encenado no mundo exterior.

Às vezes o assunto da controvérsia é parecido com o conflito inconsciente subjacente; às vezes apenas o representa. Por exemplo, uma pessoa do casal reclama que quer mais sexo e a outra, menos, nenhuma delas querendo reconhecer ambivalência alguma no assunto. Certos casais têm esse tipo de briga; outros a transformam em discussões sobre dinheiro ou o tempo em que ficam juntos, ou sobre futebol ou noitadas

com os amigos – e qualquer uma das discussões pode ser um modo disfarçado de manifestar angústias ligadas à questão de um amar o outro ou não.

Também se pode lidar com os conflitos nas histórias. Uma menina tem de enfrentar o conflito de amar a mãe e ao mesmo tempo invejar os objetos e as qualidades dela, que também tem autoridade para dizer à criança o que fazer, pedir sua ajuda e deixá-la de lado para sair e se divertir. Além disso, a menina talvez tenha um ciúme terrível do amor que os seus pais têm uma pelo outro e pelos demais filhos.

Existem muitas maneiras de lidar com esse conflito na fantasia. Algumas meninas negam que os pais se amem e, na fantasia, apegam-se à crença de que somente elas são amadas. Outras negam querer que os pais se amem e tentam adotar uma atitude indiferente. Podem tentar encontrar o amor que necessitam em relações sexuais prematuras, que são malfadadas porque se sustentam não no amor dos pais, mas na vingança contra eles, que pode ressurgir na forma de vingança contra o amante.

A maioria das meninas pequenas chega a alguma forma de conciliação com seus sentimentos confusos pelos pais. A história da Cinderela representa a fantasia em que a menina pode experimentar muitos sentimentos confusos por eles sem precisar ver claramente o que ela está fazendo. Histórias como essa podem ser comparadas com jogos de computador, um meio para as crianças externarem e representarem o conflito num ambiente seguro.

A mãe da Cinderela é dividida em uma boa (mas morta) e uma má (mas viva). Ambas são idealizadas e irreais. Ao ler a história e se identificar na fantasia com a Cinderela, uma garotinha pode ter o prazer de suplantar uma mãe/madrasta que tem roupas lindas, filhas e o amor do pai da menina, negando ao mesmo tempo que essa mãe seja a mesma que ela ama. Os sentimentos desagradáveis e a inveja que uma garotinha real não consegue evitar ao ver o que a mãe e os irmãos mais velhos têm são transferidos para as irmãs feias, uma vez que, no fim da história, é a Cinderela que se torna alvo de inveja e admiração.

FANTASIAS COM A DIVISÃO DA MÃE: A CLIVAGEM DO EU

A história da Cinderela mostra que as fantasias da divisão de um objeto – a mãe real – podem parecer mortais: a mãe boa está morta, mas a Cinderela não tem responsabilidade nisso. O leitor que se identifique com a Cinderela na fantasia não precisa suportar uma culpa. As fantasias de divisão da mãe boa a partir da má também implicam a cisão do eu. A mãe/madrasta morta reflete-se na divisão entre a Cinderela e suas irmãs de criação, mas a própria Cinderela divide-se de novo numa bela princesa e na garota em farrapos que se unem no final da história. A combinação dos sapatos no final também é uma indicação da necessidade da Cinderela de juntar as duas partes do seu eu/objeto. Talvez insinue que a menina conseguirá unir essas partes quando tiver idade suficiente para ter um marido.

As fantasias de divisão do eu explicam por que às vezes fazemos coisas que nos surpreendem – o “eu” que se comporta daquela maneira não é aquele que “eu” re-

conheço ser eu, ou não aquele que eu quero reconhecer ser eu. Como a divisão ocorre inconscientemente, pode ser um verdadeiro choque reconhecer uma parte fragmentada do eu – como aconteceu com Amis quando se deu conta de que escrevera sobre a filha durante anos de forma dissimulada. Aparentemente, a parte dele que se importava, se preocupava e talvez estivesse curiosa tinha se escondido do eu que ele conhecia.

Grande parte do trabalho de aconselhamento e da psicanálise diz respeito ao esclarecimento e à unificação das divisões do eu, fazendo os aspectos do eu se juntarem de tal modo que a consideração, o amor e a capacidade de reparação se tornem mais livres para se exprimir sem serem suplantadas por fantasias de vingança, ódio ou destruição.

NEGAÇÃO

A fantasia de que determinada coisa pode ser simplesmente ignorada para desaparecer assume muitas formas. “Pensar positivo” significa trocar pensamentos desfavoráveis por pensamentos favoráveis. Os

desfavoráveis são então varridos para baixo do tapete ou “jogados no fundo do poço”.

Na fantasia, os pensamentos podem ser cortados em pedaços; podemos ignorá-los. O linguajar diário está repleto de indicações das fantasias que usamos: “De jeito nenhum!”; “Você está brincando!”; “Não vou compactuar com isso!”; “Não sei o que me deu”; “Ela não costuma ser assim”. As duas últimas frases denotam fantasias em que se reconhece que houve um comportamento incômodo, mas se questiona a responsabilidade por ele. Algumas pessoas *se fecham; se anulam; tapam o sol com a peneira; fazem ouvidos moucos; enfiam a cabeça na areia*. Podem recorrer à bebida para *afogar as mágoas*. Na fantasia, as “mágoas” afogadas são personificadas, talvez na forma de um eu infantil pequeno, dependente e infeliz, ou um objeto adulto mau odioso, despreocupado e acusador. A bebida pode representar o leite adulterado ou o que “Fritz” chamou de “pipi” – nessas fantasias, o álcool é mais um veneno do que alimento bom.

O problema com todas essas fantasias é que os pensamentos indesejáveis permanecem no estado original e não entram em contato com a realidade, que pode modificá-los. Eles continuam ativos “no fundo da mente”. A fantasia de um amante que não se importa, “levado a beber”, não é cotejada com a realidade, mas continua a ser vista pela ótica de uma fantasia antiga de um genitor ou um eu que não se importa.

Existem outros artifícios que contribuem para a negação. Não é tão fácil “não ver” *mesmo* o que está diante de si. É preciso alterar a percepção de alguma maneira. Um modo comum de lidar com isso é “vê-lo” em outro lugar, atribuí-lo na fantasia a uma pessoa diferente. Por exemplo, um motorista que espera a vez numa rotatória avança contra uma bicicleta que aparece diante dele. O motorista diz aos berros para o ciclista que ele devia prestar atenção aonde vai. É óbvio que a idéia de que *alguém* deveria prestar atenção aonde vai é acompanhada de um “eu não!” forte. A negação da realidade quase sempre ocorre desviando-se a atenção para algo diferente.

O comportamento ruim das outras pessoas, especialmente no trânsito, quase sempre provoca ofensas que servem de desculpa para certas pessoas desviarem a atenção de si mesmas. Esse motorista provavelmente foi embora xingando os ciclistas. Trata-se também de exemplo de um ataque usado como defesa. O ataque, a exigência de punição e a responsabilização contribuem para a negação, sobretudo a negação da culpa.

Na fantasia, nem sempre distinguimos uma pessoa da outra. Assim como nos sonhos uma pessoa pode ser num momento o pai, no outro um professor ou um ex-namorado, no outro o marido ou um filho, usamos as fantasias motivadas por uma pessoa para entender a seguinte. As crianças podem, acidentalmente, chamar a professora de “mãe” e a mãe de “tia”, o que também possibilita a negação de pensamentos ou sentimentos desagradáveis.

Na fantasia, é fácil trocar uma pessoa por outra que tenha características iguais. Uma mulher procurou ajuda porque achou que o marido não a

amasse mais. No que ela contou da vida cotidiana, pareceu que ela “intuíra” que o marido não a amava e ao mesmo tempo tinha certeza de que não a amava. O pai dessa mulher morreu quando ela tinha 16 anos, a idade da sua filha na época. Achei enganosa a “sensação” dela da falta de amor do marido: ela não queria se conscientizar do medo de que o pai não a amava mais quando morreu. Era menos doloroso preservar uma imagem idealizada do pai e concluir que o marido não a amava. Infelizmente, isso acabou fazendo a filha ser privada de um pai, como ela própria havia sido. A mãe não só percebeu errado o amor do marido como incutiu na filha sentimentos parecidos com os que ela tinha quando era criança.

Essa é uma forma de negação que se estabelece por um processo que chamamos de “identificação projetiva”. Em poucas palavras, trata-se de sentimentos que não se consegue tolerar e são atribuídos a outra pessoa, na qual o seu resultado pode ser observado com um distanciamento seguro.

ACONSELHAMENTO, PSICOTERAPIA E PSICANÁLISE

Na minha função de consultora, entendo que essas idéias dão sentido a relações comuns, cotidianas. As pessoas que atendo não são, na maioria, doentes mentais. Elas buscam ajuda por causa de dificuldades normais da vida: conflitos com pais, com filhos, nos relacionamentos, trazidos à baila por causa de sintomas de esclerose múltipla. Porém, a descoberta das fantasias por trás das dificuldades corriqueiras pode mudar a vida delas – e me dar uma perspectiva privilegiada do funcionamento da mente humana.

Uma mãe me disse que seu filho perdera de repente o interesse na faculdade. Ele falou em abandonar os estudos e conseguir um emprego perto de casa, ao passo que antes dizia querer cursar a universidade e viajar. Eu sabia que ela tinha estado muito angustiada com uma doença grave semanas antes, e pensei em voz alta se o filho saberia que os temores dela já eram bem menores. Imaginei que

ele talvez quisesse ficar em casa para estar perto dela – no fim das contas, para mantê-la viva. Insinuei que ele poderia ter-se assustado a ponto de não conseguir olhar para ela para constatar a sua melhora. A mulher foi falar com o filho especificamente sobre a sua saúde. Depois, ela contou que foi como se todo o peso do mundo tivesse sido tirado dos ombros do filho. Poucos dias mais tarde, ele quase confessou que gostava mesmo da faculdade. A mãe disse que se sentiu culpada – usufruiu a boa vontade do filho e não percebeu a angústia dele com ela. Acho que o filho se esforçou bastante para não mostrar sua preocupação à mãe, com medo de matá-la com a angústia dele. Ele preferiu matar o seu eu ambicioso.

A ligação entre a angústia do filho com a saúde da mãe e sua angústia com a faculdade é significativa. Também é importante notar que a preocupação do filho com a saúde da mãe pode parecer “o peso do mundo”. Em geral não se precisa saber quais são exatamente as fantasias do filho, e os pais têm toda razão de não gostar de se intrometer

na privacidade dele. Os filhos, todavia, podem ter angústias muito imaginárias, fundadas em informações parciais exageradas por suas fantasias.

Em geral as fantasias são mais respostas do que perguntas, e o filho talvez simplesmente “saiba” que tem de cuidar da mãe sozinho quando o pai morre, ou “saiba” que ele e a mãe mataram o pai por não amá-lo bastante, ou “saiba” que foi o seu mau comportamento que fez o pai sair de casa. É possível que não ocorra ao filho que outros adultos o ajudarão, ou que ele não pode ter agravado a esclerose múltipla da mãe batendo nela numa brincadeira, ou que falar da sua saudade de casa não lhe provocaria uma “tensão” prejudicial.

AS IDÉIAS FORA DO CONSULTÓRIO

As idéias de Klein também explicam o comportamento fora do consultório, embora aí possa ser mais complicado partilhar as interpretações. Uma garota de 12 anos chamou por cima da cerca um menino de 5. “Você quer isto?” – perguntou ela, mostrando uma coisa. Quando o menino tentou pegá-la, ela a puxou de volta, rindo.

Fez isso mais três vezes. Então, virou-se para uma amiga com ar de triunfo e disse: “Ele é tão burro! Caiu nessa quatro vezes!” É evidente que a garota achou o menino burro por esperar que o mundo fosse amistoso.

Podemos perguntar se a garota não estaria fazendo o menino sentir algo de que ela tinha medo. Na verdade, havia um motivo para ela estar em dúvida se as coisas boas da vida seriam sempre tiradas dela assim que ela começasse a confiar na sua permanência. Ela devia se achar burra por se deixar convencer por suas esperanças. Ao interpretar a brincadeira dela como uma representação de angústias (em vez de indício de sadismo ou crueldade infantil), consigo ao menos imaginar se um dos adultos presentes na vida dela seria capaz de ajudá-la. No caso dela, é provável que ajudem, mas, se eu lhes contar a minha interpretação, haverá conseqüências na prática.

PSICANÁLISE

Os psicanalistas que têm pacientes cinco dias por semana têm muito mais condições de ajudá-los a su-

perar angústias muito mais profundas e mais antigas do aqueles que os atendem uma ou duas vezes por semana. Sentir uma angústia sozinho durante seis dias é bem diferente de senti-la do mesmo modo só no fim de semana, sabendo que terá cinco horas diárias para lidar com elas na semana seguinte.

Vou contar o caso de uma mulher que sentiu grandes mudanças nas suas fantasias com um objeto continente bom depois de vários anos de psicanálise. Sou grata a ela por me permitir reproduzir esse material.

Ann começou a análise quando já estava na casa dos 30 anos, porque o sucesso profissional e pessoal não a haviam libertado da sensação constante de apreensão e angústia. Seu primeiro sonho no período da análise foi com uma casa destruída sustentada por escoras – o interior era aberto para o céu. Ann se agarrava a um abajur que fizera, de pé numa escada periclitante segura pelo seu pai. Nos seus sonhos, as construções mudaram aos poucos. Passaram a ter telhado, embora com infiltração, e escorria água pelas paredes internas. Os prédios tinham sacadas precá-

rias, e neles moravam amigos prestativos ou briguentos. Eles estavam sempre malcuidados e precisando de reparos. Às vezes Ann se sentia confiante e às vezes desesperada com a quantidade de obras necessárias. Gradualmente, num período de anos, as casas se tornaram mais firmes, mais sólidas. Ela continuava a sonhar vez ou outra com ruínas, mas em parques rurais, e crescia mato por cima delas. O último sonho antes de Ann encerrar a análise – sentindo-se mais segura do que jamais se sentira – foi com uma casa velha grande e sólida. Ela explicou que “antes era um convento pequeno, tinha uma história, mas pessoas comuns estavam comendo a uma mesa grande no gramado, que era verde e bem-cuidado”.

CONCLUSÃO

O conceito de fantasia inconsciente foi elaborado por Freud e aprimorado por outros analistas, especialmente Melanie Klein e seus seguidores. As fantasias ocorrem o tempo todo na mente sem percebermos. Algumas são evidentes para outras pessoas; algumas

são mais veladas. Essas fantasias determinam o nosso interesse pelo mundo, as nossas convicções e suposições, o que nos chama a atenção e o que fazer com isso. Elas são motivadas por necessidades e desejos. Enfrentam conflitos e angústias de várias maneiras, fazendo-nos aceitá-los e comprová-los na realidade, tanto na realidade da nossa vivência quanto na do mundo exterior. Também usamos as fantasias para negar a realidade de vários modos que parecem destrutivos – destrutividade que costuma ser negada.

A idéia de que por trás de qualquer suposição, crença, pensamento, atitude, relacionamento e ação existe sempre uma fantasia já é, para começar, estranha. Sabemos que as convicções de outras pessoas nem sempre são racionais nem conscientes; talvez seja mais difícil reconhecer que as nossas convicções podem não ser fundadas numa percepção clara da realidade.

O que aprecio na idéia da fantasia é que ela dá lugar tanto à racionalidade quanto à percepção da realidade. As fantasias podem ser perfeitamente racionais

e conscientes; por outro lado, podem se basear em entendimentos errados decorrentes de ignorância, e toda a estrutura do nosso pensamento e comportamento será afetada – de uma maneira totalmente racional. Muitas das fantasias que usamos para compreender a nós mesmos e outras pessoas estão bem próximas da realidade. Podemos confiar nelas, pois não nos desapontarão. Outras são extremamente primitivas e irrealis, mas ainda assim nos deixam tocar a vida à nossa maneira.

Muitas das fantasias normais, irrealis mas suficientes para levarmos o dia-a-dia, geram, na verdade, um grau enorme da angústia. Outras, criadas na tentativa de afastar a angústia, desviam a atenção da angústia e do raciocínio necessário para que ela se solucione tranqüilamente, no seu ritmo. Se soubermos como as fantasias funcionam, teremos mais condições de lidar com a nossa angústia e a dos outros.

NOTAS

1. Amis, Martin, *Experience*, Londres: Jonathan Cape, 2000, citado em *The Guardian*, 10/5/2000, p. 4.
2. Freud, Sigmund, "Notes upon a Case of Obsessional Neurosis", in *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*, trad. James Strachey. Londres: Hogarth Press/The Institute of Psychoanalysis, 1975 (doravante, SE), vol. X, p. 190. [Edição brasileira: "Notas sobre um Caso de Neurose Obsessiva", in *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (doravante, ES), vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 1986.]
3. Freud, S., "General Preface for the Standard Edition", in SE, vol. I, p. xxiv. ["Notas sobre Alguns Termos Técnicos cuja Tradução Requer Explicação", in ES, vol. I.]
4. Freud, S., "Studies in Hysteria", in SE, vol. II, p. 157. ["Estudos sobre a Histeria", in ES, vol. II.]
5. Freud, S., *The Interpretation of Dreams*, in SE, vol. IV, p. 259. [*A Interpretação dos Sonhos*, in ES, vol. IV]
6. Freud, S., "Studies in Hysteria", *op. cit.*, p. 137.
7. Klein, Melanie, "The Development of a Child" (1921), in *Love, Guilt and Reparation and Other Works, 1921-45, The Writings of Melanie Klein*, vol. 1, Londres: Hogarth Press/The Institute of Psychoanalysis, 1975, p. 1. [Edição brasileira: *Amor, Culpa e Reparação*, Rio de Janeiro: Imago, 1996.]
8. *Ibid.*, p. 35.
9. *Ibid.*, p. 28.
10. *Ibid.*, p. 42.
11. *Ibid.*, p. 32.
12. Klein, M., "The Role of the School in the Libidinal Development of the Child" (1923), in *Love, Guilt and Reparation and Other Works*, *op. cit.*, p. 69. [*Amor, Culpa e Reparação*, *op. cit.*]
13. Klein, M., "The Development of a Child", *op. cit.*, p. 42.
14. Orbach, Susie, *Fat is a Feminist Issue*, Londres: Paddington Press, 1978. [Edição brasileira: *Gordura É uma Questão Feminista*, trad. Cinthia Barki. Rio de Janeiro: Record, 1987(?).]

LEITURAS COMPLEMENTARES

- Bell, David (org.), *Psychoanalysis and Culture: A Kleinian Perspective*. Londres: Duckworth, Tavistock Clinic Series, 1999.
- Caper, Robert, *Immaterial Facts: Freud's Discovery of Psychic Reality and Klein's Development of his Work*. Londres/Nova York: Routledge, 2000. [Edição brasileira: *Fatos Imateriais*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.]
- , *A Mind of One's Own: A Kleinian View of Self and Object*. Londres/Nova York: Routledge, 1999. [Edição brasileira: *Tendo Mente Própria*, trad. Haroldo Pedreira e outros. Rio de Janeiro: Imago, 2002.]
- Klein, Melanie, *The Writings of Melanie Klein*, 4 vols. Londres: Hogarth Press/Institute of Psychoanalysis, 1975.
- Klein, M.; Heimann, P.; Isaacs, S.; Riviere, J. (eds.). *Developments in Psychoanalysis*. Londres: Hogarth Press/Institute of Psychoanalysis, 1952.
- Klein, M.; Heimann, P.; Money-Kyrle, R. (eds.). *New Directions in Psychoanalysis*. Londres: Tavistock, 1955, 1971.
- Menzies-Lyth, Isabel, *Containing Anxieties in Institutions*. Londres: Free Association Books, 1988.
- Segal, Hanna, *Introduction to the Work of Melanie Klein*. Londres: Hogarth Press/Institute of Psychoanalysis, 1973. [Edição brasileira: *Introdução à Obra de Melanie Klein*, trad. Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1975.]
- , *The Work of Hanna Segal: A Kleinian Approach to Clinical Practice: Delusion and Artistic Creativity and Other Psychoanalytic Essays*. Londres: Free Association Books, 1986. [Edição brasileira: *A Obra de Hanna Segal*. Rio de Janeiro: Imago, 1982.]

FANTASIA

Segal, Julia, *Phantasy in Everyday Life* (1985). Reprinted, Londres: Karnac Books, 1995; USA: Aronson, 1996.

—, *Melanie Klein: Key Figures in Counselling and Psychotherapy*. Londres: Sage Publications, 1992.

Spillius, Elizabeth (org.), *Melanie Klein Today*, 2 vols. Londres: Routledge, 1988.